

A biruta já virou

Para voltar a dar certo, a partir do ano-novo, a economia brasileira precisa menos de uma boa política governamental e mais de uma boa política empresarial. O empresário brasileiro deve cuidar de saber não o que pode obter do governo, mas o que pode obter de si mesmo. Afinal, para nove de cada dez empresas do País, o elástico da qualidade de gestão existe e ainda não foi puxado.

□□□ A tese é do professor Stephen Kanitz, da USP. Ele encara o ano-novo com otimismo. E vai além: a economia brasileira penetra num ciclo de 12 anos de prosperidade, depois de livrar-se, este

ano, de um ciclo de sete anos de depressão. A teoria do ciclo econômico não é exercício de astrologia. Ela hospeda forças da natureza. No caso brasileiro, forças reprimidas desde o Plano Cruzado. Tais forças estão vindo à tona, com inflação e tudo.

□□□ Para Stephen Kanitz, o setor industrial já deu o rumo e o ritmo à retomada: ganhos de qualidade até mais expressivos que os ganhos de quantidade. Um choque de qualidade produzido pela redescoberta, ainda que por linhas



tortas, das exigências do mercado. A cultura da competitividade já fertiliza a quase totalidade das mil maiores empresas privadas do Brasil. Até 1992, por uma estratégia de sobrevivência pura e simples. A partir de 1993, por uma estratégia de concorrência aberta e franca. A ordem é ignorar as diabruras do governo interventor e procurar avançar no espaço do competidor.

□□□ A estagflação patrocinada pelos choques heterodoxos não conseguiu sucatear a indústria

brasileira — confere Stephen Kanitz. Ele lembra que a idade média das máquinas na maioria dos ramos industriais não passa de dez anos. Na Inglaterra, 12. Na Argentina, perto de 20. Já temos 166 empresas certificadas pela série ISO 9000. Na Argentina, apenas oito:

□□□ O capital para a retomada de 12 anos já existe, constata Kanitz. As empresas brasileiras estocam no mercado financeiro, dentro e fora do País, uma poupança já formada de US\$ 140 bilhões. E voltam a operar com recursos de terceiros — vendendo títulos próprios no Exterior. Dinheiro barato: abaixo de 4% ao ano, com prazos acima de três anos.